

Dinheiro e moralidade

Por Satish Kumar*



O dinheiro foi uma invenção engenhosa e conveniente, concebido como meio de troca e como uma maneira de mensurar a riqueza. Mas, de alguma forma, sua concepção original foi modificada – o que era exclusivamente um meio se tornou um fim e o que era uma medida de riqueza se

transformou na própria riqueza.

Tomemos como exemplo a agricultura, cujo propósito era o de produzir alimento nutritivo, enquanto o solo permaneceria descansado para todas as gerações vindouras, garantindo a boa saúde das comunidades bióticas. A agricultura era um meio de vida que enchia de dignidade os agricultores e estes, por sua vez, cultivavam suas terras com carinho e amor e viam seu trabalho como algo intrinsecamente bom.

Aí veio o dinheiro e tudo mudou: a agricultura se transformou no agronegócio e seu propósito maior tornou-se o lucro. O alimento virou uma commodity e mais um meio de lucrar muito. O resultado disto é que os agricultores britânicos – até mesmo os que possuem vastas extensões de terra – não conseguem ganhar a vida. Os trabalhadores rurais na Inglaterra ganham R\$ 30,00 por hora, enquanto os investidores e banqueiros ganham R\$ 30.000,00 por hora.

A agricultura que se transformou em agronegócio é apenas um exemplo de como nossa sociedade perdeu o senso do certo e do errado. Sob esta ótica, tudo é permitido: podemos desmatar florestas para ganhar dinheiro; poluir os rios e exercer a pesca predatória como forma de obter lucro; podemos destruir a economia local na busca por produtos mais baratos, sem levar em consideração o nível de CO₂ lançado na atmosfera e assim por diante. Os interesses pessoais vêm em primeiro lugar. Podemos contratar e dispensar as



peçoas a nosso bel prazer para que a economia se desenvolva e, desta forma, as peçoas se tornam mais um instrumento para obter lucro. Alimentos transgênicos, energia nuclear, clonagem e experimentos com animais – nada é proibido, contanto que o PIB cresça e o valor das ações das empresas aumente.

A ética, moral e dignidade humana passaram para o segundo plano e estão condicionadas às margens de lucro das grandes corporações. Banqueiros corruptos são postos em liberdade sob fiança, mesmo sendo evidente que eles e outros líderes corporativos são incapazes de dar um basta à crise econômica. Os políticos e formuladores de políticas se submetem aos caprichos destes líderes. Não é para menos que nossos governantes se mostram totalmente despreparados para criar condições minimamente viáveis de estabilidade e bem-estar para as peçoas, uma vez que todos os valores sociais, políticos, educacionais e comunitários existem tão somente para servir o crescimento econômico. Entenda-se aqui crescimento como o montante de reservas monetárias relacionadas ao PIB e ao consumo.

Enquanto estivermos apegados a este paradigma financeiro e seu modelo econômico, os mais fortes irão explorar os mais fracos e o nosso tecido social e ambiental (e moral) continuará se esgarçando.

A crise econômica atual é uma ótima oportunidade de examinarmos mais a fundo as consequências da confusão entre os meios e os fins. O dinheiro tem o seu lugar neste contexto, é óbvio, mas devemos mantê-lo em seu lugar, sem permitir que domine nossas vidas de tal maneira a perder todos os nossos referenciais e nos tornarmos seus escravos. O dinheiro foi feito para servir as peçoas, e não o contrário. Infelizmente, permitimos que o dinheiro se torne nosso dono e passe por cima de todos os valores morais, éticos e ecológicos. A vida é muito mais que uma busca sem fim por dinheiro e lucro!

Dinheiro não é riqueza. A verdadeira riqueza é a terra, a floresta, os rios, os animais e as peçoas. A riqueza é criada pela imaginação, criatividade e habilidade. Os banqueiros e líderes corporativos, na busca por lucros cada vez maiores, não são criadores de riqueza. Na melhor das hipóteses, são acumuladores de riqueza e, na pior, destruidores de riqueza. Então, vamos



honrar os verdadeiros criadores de riqueza. São trabalhadores qualificados, arquitetos e artistas, artesãos e mulheres, professores e doutores, trabalhadores braçais e agricultores. A economia está segura nas mãos destes profissionais. Respeitemos, assim, a Mãe Terra e a Natureza selvagem tão generosas, que são a verdadeira fonte de bem-estar e prosperidade. Se cuidarmos das pessoas e da Natureza, a economia encarrega-se de si mesma.

Algumas pessoas poderão achar que tudo isto é um pouco idealista demais, mas o que fizeram os realistas? Fizeram uma bagunça da economia mundial. Normalmente, precisamos de idealismo e realismo em igual medida, mas, no momento, uma dose extra de idealismo vai muito bem. O mundo está com excesso de realismo. O dinheiro deve nortear-se pela moralidade. É com muita satisfação que apresento este ideal no primeiro número da revista *Resurgence* de um novo ano que nasce.

** Satish Kumar é ativista gandhiano, cofundador e membro do Conselho do Schumacher College, Inglaterra, e editor da revista Resurgence publicada na Inglaterra pela Resurgence Trust (www.resurgence.org).*

Tradução: João Moris

Money and Morality

By Satish Kumar

Money was a clever and convenient invention; it was designed as a means of exchange and a measure of wealth. But somehow that has changed; what was once solely a means to an end has become the end itself, and what was a measure of wealth has become wealth itself.



Take for example agriculture, the purpose of which was to produce nutritious food whilst ensuring that the land remained in good heart for all future generations and for the good health of biotic communities. Agriculture was a way of life that gave farmers their dignity, and in turn they cultivated the crops with tender loving care and considered their work intrinsically good.

Then came money, which changed everything: agriculture turned into agribusiness and the paramount purpose of it became the making of money. Food became a commodity and yet another means of making large profits. As a result British farmers – even those with 2,000 acres of land – cannot make a living, and farm labourers are paid £10 an hour whilst bankers are paid £1,000 an hour.

The example of agriculture turned to agribusiness is only one illustration of how our society has lost sight of right and wrong. We can cut down the rainforest to make money, we can pollute the rivers and over-fish the oceans for profit, we can destroy the local economy in search of cheaper goods, no matter how much CO2 is omitted in the process. The bottom line always comes first. We can hire and fire people at will for the sake of boosting the economy; people have become little more than the instruments of making money. GM crops, nuclear energy, cloning and animal experimentation – nothing is forbidden, just as long as it adds to GDP and increases the share value of corporations and companies.

Ethics, morals and human dignity are all secondary and subservient to the profit margin. Bankrupt bankers have to be bailed out even though we can all see that they and other business leaders are utterly incapable of solving the economic crisis. Politicians and policymakers have to obey their desires. No wonder then that our governments are completely incapable of creating conditions for the stability and wellbeing of people – because all social, political, educational and communal values exist solely to serve economic growth, which simply means growth in money supply, in GDP and in consumption.

As long as we are wedded to this financial paradigm and its money model, the strong will exploit the weak, and our social and environmental fabric (and morals) will continue to fall apart.

The current economic crisis gives us an opportunity to look deeper and examine the consequences of confusing the means with the ends. Money has a place, of course, but we must keep it in its place and not allow it to dominate our lives in such a manner that we lose all our bearings and become its slaves. Money was made to serve people, not the other way around. Unfortunately, we have allowed money to become the master and override all other moral, ethical and ecological values. There is more to life than an endless pursuit of money and profit.

Money is not wealth; real wealth is land, forest, rivers, animals and people. Wealth is created by the imagination, creativity and skill. Bankers and business leaders in search of ever-increasing profit are not the wealth creators; at best they are wealth counters and at worst wealth destroyers. So let's honour the true wealth creators: skilled workers, architects and artists, craftsmen and women, teachers and doctors, builders and farmers; the economy is safe in their hands. Let us respect the generous Earth and wild Nature, the eternal source of wellbeing and prosperity. If we take care of people and Nature, then the economy will take care of itself.

Some people might say that this is too idealistic; but what have the realists done? They have made a complete mess of the world economy. Normally, we need idealism and realism in equal measure, but for the time being a little extra idealism will be helpful. We have had far too much realism. Money must be guided by morality. And we are delighted to present this ideal in this issue of Resurgence, the first of a brand-new year.

Satish Kumar
